

Poetas populares de Grândola

Filomena Sousa

Memóriamedia

Sousa, Filomena (2011), "Os poetas populares de Grândola e a Poesia Alentejana", *Projecto Memóriamedia*, Porto: Memória Imaterial/IELT. Pp. 1-3.

http://www.memoriamedia.net/central/index.php?option=com_content&view=article&id=1300&Itemid=1110

Poetas populares de Grândola

Poesia alentejana registada em Grândola. Poesia com cultores conhecidos no concelho de Grândola, nomeadamente na sede de concelho e na freguesia do Carvalhal. Existe um contacto próximo destes poetas com poetas do concelho de Santiago de Cacém, em Santo André.

Poesia também denominada pelos poetas populares de Gôndola como "cantiga".

Registos gravados em 2007 na Biblioteca Municipal de Grândola.

A Poesia Alentejana em Grândola

A Poesia alentejana é dita por improviso ou decorada, diz-se ou canta-se, por vezes ao despique. Para os poetas entrevistados, a Poesia Alentejana não deve ser escrita.

Eusébio Pereira diz:

«A poesia alentejana
é pra ser dita ou cantada.
Quando é escrita e lida
é sempre prejudicada. (...)

Para Eusébio "escrever e fazer [poesia] não é a mesma coisa". Luís Ricardo recorda António Serafim que lhe dizia: "Parente! Nunca mandes escrever cantiga nenhuma! Nunca vem como a gente as faz!"

Os poetas recordam Abel Carvalho que dizia poesia há mais de 70 anos. Falam ainda de outros poetas da zona como António Serafim, Chico Caturra, o Pardal e o Doroteia.

A Poesia Alentejana, conhecida entre os poetas por poesia de “40 pontos”¹, obedece à estrutura de uma quadra (mote) seguida de uma glosa em 4 décimas (em redondilha maior)². Eusébio Pereira afirma que passou várias noites a partilhar poesias com António Aleixo e diz que em “cantigas de 40 pontos havia muito melhor que ele”. Para estes poetas a diferença entre uma cantiga de “4 pontos” e de “40 pontos” está no facto da segunda contar a “história de uma mesa, (...) de uma vida, de um país”, dizem que os “4 pontos não contam” tanto.

Veiga Guerreiro (1987) no colóquio Literatura Tradicional Portuguesa na Acarte Gulbenkian, referindo-se às décimas, cita Machado Guerreiro (CDB, 1986) dizendo que “há poetas populares que, de tão habituados ao esquema, são capazes de fazer, de improviso, uma “quadra” ou de entrar num desafio em “quadras” com a mesma facilidade com que por todo o país se dizem ou se cantam, ao despique ou à desgarrada, as vulgares quadras de quatro versos septassilábicos” (CDB, 1986, p.85).

A poesia alentejana de Grândola era dita em festas, feiras, locais de entretenimento e principalmente em tabernas. Ninguém “fazia dinheiro com a poesia” e Eusébio Pereira refere que quando os poetas se encontravam “davam em conversar e em dizer poesia” e as horas passavam sem que desse por isso.

Cada poeta faz e diz os seus poemas e há 30, 40 anos eram muitas as rivalidades entre poetas. Ao despique os poetas mostravam quem fazia as melhores poesias. Em Grândola recorda-se em particular a rivalidade que existia entre o Pardal e o Doroteia.

Hoje são menos os que dizem a poesia alentejana em Grândola, entre eles os poetas entrevistados pelo MEMORIAMEDIA (2007) – Eusébio Pereira; Horácio Pereira; Lídia Vaz, Luís Ricardo, Manuel Francisco e Paulatino Augusto. Estes dizem poesia entre amigos ou em acções organizadas pelo município em bibliotecas, em escolas e noutros locais. Em Grândola, vários poetas populares participam na iniciativa Rota das Tabernas realizada em Junho e que, em 2010, perfez a 16ª edição.

Desde 1999 existe no Carvalhal, no Jardim dos Poetas Populares, o Monumento aos Poetas Populares, uma escultura de João Limpinho evocando a oralidade. Uma homenagem promovida pelo município de Grândola.

Filomena Sousa (MEMORIAMEDIA)

- 1) Pontos = versos
- 2) A glosa é uma «estrofe onde é recuperado e explicado um determinado tema apresentado num mote que é colocado no início do poema e do qual pode repetir um ou mais versos em posição certa, como um refrão.». in <http://www.fcsb.unl.pt/invest/edtl/verbetes/G/glosa.htm> . Tem forma de uma ou mais décimas ([estrofe](#) de 10 versos) e é uma composição poética em que cada estrofe acaba por um dos versos do mote. O mote é, geralmente, um dístico, ou seja, composto por dois versos – ABBAACDDC - ou um verso do mote aparece como quarto verso da glosa, e o outro verso na última posição.

Bibliografia

GUERREIRO, Manuel Viegas (1987) «Poesia popular: conceito, a redondilha, a décima. Décimas em poetas do Alentejo e Algarve», in Literatura Popular Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pp. 191-237.

CDB - Coordenação Distrital de Beja. (1986) Literatura Popular do Distrito de Beja, Notas e coord. de Manuel Viegas Guerreiro e António Machado Guerreiro, Beja, M.E.C. – Direcção-Geral da Educação de Adultos, 1986.

GALHOZ, Maria Aliche. (2008) “Em Homenagem ao Dr. A. Machado Guerreiro”. In Finisterra, XLIII, 86, 2008. Pp.133-135.